



O ENSINO COMO EXTENSÃO DA RUA

Pablo Vinícius Dantas Alves¹
Graziela Almeida de Brito²

Resumo

Este estudo tem como objetivo refletir sobre a prática docente a partir da problematização do ensino como espaço de discussão presentes no processo de ensino-aprendizagem em ambientes não escolares. Compreendemos que a educação exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação e, para isto, devemos apreender a realidade e conceber que a educação é uma forma de intervenção no mundo. O desenvolvimento do trabalho tem como pano de fundo as atividades planejadas e vivenciadas na disciplina Atualidades Históricas, numa perspectiva interdisciplinar, no curso pré-universitário do Projeto Amigos do Saber, da Fundação Fé e Alegria do Brasil em parceria com a Universidade Católica de Pernambuco. Consideramos fundamental o debate dos temas com os estudantes como ponto de partida para a (re)elaboração e definição da proposta de trabalho pedagógico, a fim de propiciar a formação crítica do educando, sempre em busca de sua autonomia.

Palavras-chave: atualidades históricas, prática docente, processo ensino-aprendizagem.

Abstract

This study aims to reflect on teaching practice from the problematization of teaching as a forum for discussion within the process of teaching and learning in school environments. We understand that education requires risk, acceptance of new and rejection of any form of discrimination, and for this we must grasp the reality and to conceive that education is a form of intervention in the world. The development work has as background the activities planned and experienced in the discipline Historical News, an interdisciplinary, pre-university course in Project Friends of Learning, Faith and Joy Foundation in Brazil in partnership with the Catholic University of Pernambuco. We consider the fundamental debate of the issues with

¹ Graduando em História pela Universidade Católica de Pernambuco e estagiário da Fundação Fé e Alegria do Brasil-PE; e-mail: pablodantas03@hotmail.com

² Coordenadora Pedagógica e professora Msc do Curso de Pedagogia, Fundação Fé e Alegria do Brasil-PE e Universidade Católica de Pernambuco; e-mail: graziela@unicap.br



students as a starting point for the (re) drafting of proposed educational work in order to provide the critical formation of the student, always in search of their autonomy.

Keywords: historical updates, teaching practice, teaching-learning process.

Introdução

O Brasil, de fato, não apresenta um bom nível educacional, salvo as estatísticas governamentais (números, apenas) ou o trabalho de poucas unidades de ensino e o esforço de professores-heróis. É necessária uma alerta para a existência de outros espaços de aprendizagem e outras formas de ensino, em contraponto as já “consagradas” instituições que aderem ao jeito *vestibulesco* de ser.

O vestibular é uma:

Invenção chinesa, os exames surgiram por volta do século X, quando imperadores da dinastia Sung idealizaram um sistema para selecionar futuros funcionários, sem os costumeiros apadrinhamentos. Pela primeira vez, o candidato era submetido a rigorosas provas, com critérios de correção igualmente severos para evitar qualquer tipo de fraude. Foram precisos oito séculos e uma revolução a francesa para que o sistema de seleção por mérito chegasse à Europa. No Brasil, os exames para selecionar candidatos às faculdades surgiram em 1911. Ao longo dos anos, esses concursos, como eram chamados, foram se modificando (ZANCHETTA, 1988).

Diversos caminhos o educando pode seguir para conquistar o seu sonho e bradar a sua vitória, senão pela passagem atroz – vestibular – para alcançar à universidade. Em quase nenhum curso, pré-universitário, poderíamos propor o diálogo aberto sobre qualquer tema que nos afetasse e nem muito menos fazer disto o nosso programa letivo, visto que o conteúdo arcaico e o *bisu* são ainda utilizados como forma de aprendizado, em detrimento da reflexão e compreensão de assuntos necessários para a intervenção no mundo.

É sobre uma possível transformação do ensino pré-universitário que pretendemos pensar. Para tal, o educador deve ter a consciência que seu papel é importantíssimo nesse processo e, por isso, deve largar todo o tipo de discriminação e enxergar o mundo em sua pluralidade, pois “a prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (FREIRE, 1996, p. 36). Dessa forma, iniciaram-se desde setembro de 2009, os trabalhos da disciplina Atualidades



Históricas, realizados na Fundação Fé e Alegria do Brasil em parceria com a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

Esta disciplina busca a prática da conscientização, não como uma manifestação idealista, mas no “processo pelo qual os seres humanos se inserem criticamente na ação transformadora” (FREIRE, 1977, p. 94). Ao promover debates que estimulam tal inserção, os educandos são postos frente aos desafios do mundo moderno, com ênfase aos problemas sociais brasileiros. É nesse enfrentamento da realidade que a disciplina se baseia no conhecimento em termos críticos.

A prática docente nos leva a pensar e problematizar o ensino, assim como os espaços dedicados a educação, seja ela formal ou informal. Nossa experiência ao criar e desenvolver a disciplina Atualidades Históricas foi possível graças a Proposta Educativa de Fé e Alegria, enquanto Movimento de Educação Popular.

Afinal, qual é a melhor forma de educar? O professor foi formado para formar o quê? Esses questionamentos são a base para o nosso artigo, pois interferir nesse processo foi a principal intenção da disciplina Atualidades Históricas.

Porque nasceu Atualidades Históricas?

Por motivos óbvios, pela possibilidade de ser útil ao debater temas relevantes e fundamentalmente necessários para a vida em sociedade, sem refutar a pluralidade do século. Para isso é importante pensar os problemas da nação, do estado, do bairro e, evidentemente, do próprio indivíduo. Precisamos saber de nossa história e de nossa gente.

Diariamente, centenas de notícias chegam pelos mais variados meios de comunicação e, de forma equivocada, apenas noticiam ao invés de informar. Grande parte delas está carregada de forte apelo midiático, outras, ainda nos trazem uma boa fonte de conhecimento. A leitura nem sempre está atrelada à reflexão. Para ler, precisamos ser apenas alfabetizados, mas, para ler criticamente, precisamos refletir sobre o nosso processo histórico, por isso, é imprescindível a reflexão do nosso tempo, aonde o esclarecimento/questionamento não venha às pressas e por síntese.

Assim, Paulo Freire descreve o intelectual memorizador:

que lê horas a fio, domesticando-se ao texto temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras como se estivesse recitando-as de memória – não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem



ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro. Repete o lido com precisão mas raramente ensaia algo pessoal. Fala bonito de dialética mas pensa mecanicistamente. Pensa errado. E como se os livros todos a cuja leitura dedica tempo farto nada devessem ter com a realidade de seu mundo (1996, p. 27).

O objetivo dessa disciplina é fomentar, junto aos estudantes, uma consciência mais crítica em relação a nossa história, utilizando-se dos variados meios de comunicação, tais como: jornal, revista, panfleto, filme-documentário, fotografia, pessoas (memória viva) e tudo aquilo que nos faça raciocinar sobre nós mesmos.

A proposta dos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) é que o ensino não tenha como meta o mero acúmulo de informações, mas que trabalhe a formação integral do aluno e aluna, enquanto cidadão e cidadã, com uma visão crítica da sociedade em que vive, possibilitando-lhe o desenvolvimento de valores éticos de solidariedade, cooperação, valorização da pluralidade cultural e o respeito ao meio ambiente (Brasil).

Concomitantemente ao estudo da força reflexiva da história, estaremos desenvolvendo uma atividade importante para a vida do estudante, sujeito ativo na sociedade, no momento em que este compreenda o valor da atualidade, sobretudo, quando esta nos faz refletir historicamente.

Que possíveis conteúdos programados?

Aqui, não existe programa definido. Isso de maneira alguma é negativo, pois o conteúdo maior é a vida e esta não tem roteiro. Aliás, podemos iniciar uma conversa (aula) com a seguinte pergunta – o que é amor? Não é necessário que o poeta, psicólogo, filósofo estejam presentes; porque não uma prostituta, um dentista ou um professor? Isso deve ser dito, pois o conhecimento não necessariamente está ali ou acolá, ele vive e habita todos nós.

O conteúdo programado com sua formalidade, em livros seculares, pode ser descartado. Os estudantes, quando instigados, sugerem temas maravilhosos. Outros, sem mesmo se dar conta, questionam de tal forma a realidade que não devemos nos furtar em debater ou mesmo fazer disto o conteúdo da aula. Ainda esse ano, quando os crimes de pedofilia praticados por padres de todo o mundo vieram à tona, os alunos se manifestaram de todas as formas: uns com raiva e desprezo, outros com medo e neutralidade. Diante disso, foi necessário levar esse tema para sala e mediar um debate onde todos tivessem oportunidade de expor suas ideias e ouvir opiniões das mais diversas.



Na rua há informações demasiadas e de todos os feitios. Façam uma escolha: o que seria mais interessante? Primeiro, estudar assistindo a um bom documentário, esparramado no sofá de casa, beliscando uma jujuba? Segundo, estudar sentado numa cadeira de “concreto armado”, entre quatro paredes com 40 colegas (estranhos) ao seu redor, observando, quando possível, a fala de um professor do século XVI repetindo as palavras do livro? Bom...

É basicamente essa a concorrência. Qual o *tesão*³ da escola, então? Nenhum. A rua informa bem melhor, com recursos digitais e interativos, às vezes com produções milionárias. E isso é bom. No entanto, a escola precisa debater essas informações e não acrescentar, de maneira desenfreada, dezenas de disciplinas nos currículos escolares. Por isso, pensar em dar uma trégua nas informações e procurar sentir a respiração dos educandos é necessário e urgente, para que juntos possamos observar e analisar o caminhar da humanidade.

Como se desenvolve o ensino interdisciplinar?

Com observação, pesquisa e desprendimento da formalidade; dialogar com outras disciplinas é fundamental, no entanto, o ato em si pode não dar resultados.

Admirável era o professor de redação por ler poemas concretos, relatar histórias de um passado distante, criticar o sensacionalismo midiático e alertar para crescimento econômico do país em detrimento do povo miserável enforcado pelos tributos. Pronto, esse exemplo, ou melhor, essa lembrança, é de fato o ensino interdisciplinar em Atualidades Históricas. Um professor de Física que leva um filme para a sala, não, por isso, exercita a interdisciplinaridade.

Precisamos saber que para além da imagem e do áudio, existem a fotografia e a luz, a época da filmagem e seu contexto, o debate e a repercussão do tema. E para isso é necessária a pesquisa, o aprofundamento, também, naquilo que não lhe “compete” por formação. Até porque, se na universidade apenas existisse as possibilidades de um curso, seria o ambiente mais burlesco e medíocre.

O contexto histórico vivido nessa virada de milênio, caracterizado pela divisão do trabalho intelectual, fragmentação do conhecimento e pela excessiva predominância das especializações, demanda a retomada do antigo conceito de interdisciplinaridade que no longo percurso desse século foi sufocado pela racionalidade da revolução industrial.

³ Palavra usada por aluno para expressar sua ideia em relação ao sentido da escola.



A necessidade de romper com a tendência fragmentadora e desarticulada do processo do conhecimento, justifica-se pela compreensão da importância da interação e transformação recíprocas entre as diferentes áreas do saber.

Essa compreensão crítica:

colabora para a superação da divisão do pensamento e do conhecimento, que vem colocando a pesquisa e o ensino como processo reprodutor de um saber parcelado que conseqüentemente muito tem refletido na profissionalização, nas relações de trabalho, no fortalecimento da predominância reprodutivista e na desvinculação do conhecimento do projeto global de sociedade (SIQUEIRA e PEREIRA, 1995, p.1).

Os estudantes universitários (especificamente os futuros professores) precisam multiplicar suas potencialidades e valorizar, também, as conversas de corredor. É extremamente necessário apresentar para os alunos diversas maneiras para refletir um mesmo tema, para isso, o professor precisa estar *conectado* ao mundo e assim fazer jus a sua profissão.

Sala de aula... limitações ou possibilidades no ensinar e no aprender?

Entendemos a existências de todas as possibilidades, na medida em que o professor estabelece relações com as mais diversas pessoas, permeadas de diferenças com a diversidade nas aproximações ao longo de todo o dia.

Acreditamos, no entanto, que podemos ser o que somos em sala de aula. Falamos do amor aos amigos, e porque não falar aos alunos o que pensamos desse ou de outro sentimento? Se, participamos da aprendizagem colaborativa no paradigma emergente, temos que nos aproximar dessas pessoas que fazem parte do nosso cotidiano. Sentir as pessoas é necessário para que possamos construir coletivamente, pois nenhum ambiente é estritamente profissional.

O relacionamento entre as pessoas deve ser sempre saudável e significativo para o desenvolvimento de atividades, seja no ambiente familiar (se ainda existir) ou mesmo numa escola.

Contudo, precisamos perceber que diferenças existem e que em nenhum lugar todos são iguais e pensam da mesma forma. Na escola, essa premissa toma proporções relevantes na medida em que grupos de diferentes níveis (idade, cor, sexo, instrução e intenções) entram em contato. Percebemos, então, que é na diferença, ou no respeito a ela, que podemos construir



democraticamente um espaço e progredir na verdadeira cidadania, onde o preconceito não tem lugar.

A escola também (e como) é um espaço de intimidades. Não muito raro, é comum ver professores logo no primeiro dia de aula expondo seus sentimentos, sua visão de mundo ou mesmo como devem proceder às relações daquele dia em diante. Doce ilusão ou puro conservadorismo? No mínimo, falsidade exótica de alguns. Como podemos expor nosso sentimento, parte de nossa vida para quem não conhecemos? A intimidade exige tempo para que os laços de afinidade e respeito sejam concretizados; isso pode acontecer em semanas ou meses, dependendo da pretensão de cada um.

Passamos, muitas vezes, mais tempo com os alunos do que mesmo com a família. E porque não incorporá-los, sabendo que o mesmo pode até acontecer? Desejamos certos alunos como amigos eternos, tal como aquele primo que preferimos irmão.

Não podemos amar a todos, *logicamente*. O profissionalismo, no ambiente escola, deve ser carregado de bom senso.

Paulo Freire entende que:

o exercício do bom senso, com o qual só temos o que ganhar, se faz no “corpo” da curiosidade. Neste sentido, quanto mais pomos em prática de forma metódica a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, tanto mais eficazmente curiosos nos podemos tornar e mais críticos se pode fazer o nosso bom senso. O exercício ou a educação do bom senso vai superando o que há nele de instintivo na avaliação que fazemos dos fatos e dos acontecimentos em que nos envolvemos (FREIRE, 1996, p. 62).

Devemos considerar que a escola é permeada de sentimentos e a qualquer momento, explosões de angústia e alegria podem tomar o espaço. Não muito raro nos deparamos com problemas mal resolvidos que, de tão pequenos, se multiplicam como células doentes e paralisam todo o sistema, e isso acontece, muitas vezes, por falta de bom senso. Sendo assim, indagar os problemas seria, talvez, o melhor caminho para vislumbrar as possibilidades.

Atualidades Históricas & Pré-Universitário

Para a Fundação Fé e Alegria do Brasil a:

formação também poderá contar com atividades complementares que possibilitem a criação de novos laços entre ensino e aprendizagem, como: cinefórum, debates, pesquisas, atividades artístico-culturais, palestras, visitas



culturais, estudo de meio e outras atividades que facilitem aos educandos desenvolver sua participação direta nos movimentos sociais populares e nas análises críticas (Nova Proposta Educativa, 2009, p. 53).

Nesta perspectiva, compreendemos que a educação e a promoção social compõem um todo capaz de responder aos desafios propostos, ao adotar uma metodologia compartilhada (Educação Popular) e colocar como meta comum a transformação.

A Fundação concebe a Educação Popular como:

uma proposta pedagógica e política de transformação desde, pelas e com as comunidades para a superação da opressão, da discriminação e da exclusão, contribuindo com a formação de cidadãos democráticos, capazes de construir qualidade de vida, agentes de mudança e protagonistas de seu próprio desenvolvimento, pela aprendizagem permanente de todos com todos, ao longo da vida, corporificando relações que nos libertem pessoal e coletivamente.⁴

Contrapondo os padrões hegemônicos que proliferam a cultura da concorrência, individualista e, por isso, desumanizadora, que segue esta disciplina. Fundamentamos a proposta pedagógica da disciplina Atualidades Históricas no marco da Fundação Fé e Alegria que destaca as práticas dialógicas, na construção de sujeitos com maior poder de autonomia e barganha política.

Considerações Finais

A intenção deste estudo foi refletir sobre a prática docente e o processo ensino-aprendizagem no desenvolvimento de uma disciplina do curso pré-universitário. Nesse processo, tivemos a certeza de que nós, professores, precisamos multiplicar o olhar e buscar o bom senso em meio à pluralidade do: branco, pobre, islâmico, alto, doente, negro, rico, xavante, baixo, são, índio, miserável, católico, anão, morto.

É imprescindível que o educador esteja ciente de sua responsabilidade social e que o desenvolvimento (político-econômico-social) é um direito de todos. Essa prática deve estar presente desde os primeiros anos da vida escolar para que, nesse processo, a criança, o jovem e o adulto possam crescer em um espaço solidário, portanto, humano.

⁴ Nova Proposta Educativa Nacional de Fé e Alegria, 2009.



A participação dos educandos foi fundamental, não porque eles foram o alvo dessa ação, mas porque também puderam atingir objetivos em nossas discussões, pois eles também foram incumbidos, até involuntariamente, a trazerem para os encontros semanais, suas ideias acerca dos principais acontecimentos.

A disciplina Atualidades Históricas acabou se transformando, em alguns momentos, em um *cano de escape* dos alunos, quando aguardavam o horário da aula para desabafar e dizer o que realmente pensavam sobre determinado assunto. Isso se deve pelos laços de intimidade e respeito que criamos no decorrer do ano e pela própria proposta da disciplina que, raras às vezes, se importunou em falar do vestibular e resolver questões de múltipla escolha.

As escolas, tal como as universidades, são espaços que devem possibilitar a formação humanizadora. Tal como nós que a habitamos, elas pulsam e precisam de sangue; de serem habitadas pela vida.

Referências

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Temas Transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BENSI, R. F.; SALVUCCI, M. **O ensino de história, neoliberalismo e cidadania**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/11470/1/O-Ensino-de-Historia/pagina1.html>>. Acesso em: 30 de out de 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34ª Ed, São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: UNESP, 2004.

SIQUEIRA; H. S. G.; PEREIRA, M. A. **A Interdisciplinaridade como superação da fragmentação**. Caderno de Pesquisa n.o 68 - Setembro de 1995 Programa de pós-graduação em Educação da UFSM, sob o título: "Uma nova perspectiva sob a ótica da interdisciplinaridade". Disponível: <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/interdiscip3.html>>. Acesso em: 31 de outubro de 2010.

ZANCHETTA, Maria Inês. **Prova de Fogo: Como e quando surgiu o vestibular; as ansiedades e neuroses dos vestibulandos**. Disponível em <http://super.abril.com.br/superarquivo/1988/conteudo_111019.shtml>. Acesso em 30 de out de 2010.